UMA
FIGURA
SEMELHANTE

22.09 – 17.10.2021

Diogo Costa afirma-se com um trabalho artístico plural na sua moldagem estética e no conteúdo, fruto duma investigação atenta e sensível onde junta a cabeça e o coração. O artista cria um espaço versátil e vital, inteligível e sensível, que vai rompendo com linhas determinantes de estilo. A sua marca está no trabalho exploratório que faz das coisas e materiais que se traduzem em instalações, esculturas e desenhos.

Uma Figura Semelhante projecta-se na obra artística de Diogo Costa como uma procura sensível à matéria que trabalha com precisão e entrega, ora cientista, artista, ora artesão ou poeta; Diogo Costa demora-se a olhar, perde-se, volta à precisão, ao ponto cego, a este ponto que é um fenómeno visual intrigante, que compensa o que escapa, o que não se consegue ver, que convoca a falha e tece no tecido da retina. Dicotómico o artista encontra-se entre o concreto do suporte, o seu domínio técnico e a espontaneidade com que o trata, o compõe, o transforma. O carvão é a matéria a tocar, a soprar, “as mãos pensam”, deixam-se levar num ritmo livre para encontrar a paisagem, manifestação natural, essencial, onde está o centro de tudo, de toda a turbulência.

Pode haver em *Uma Figura Semelhante* um sentido chiaroscuro que se projecta num cinema mudo imaginário que se esvaziou de seres para os tornar corpos activos fora do quadro, cabeças aéreas que vão numa viagem sem destino a completar o sentido da figura. Errantes, enchem-se de paisagem, de céus, montanhas e rios, de falésias abruptas, cataratas cristalinas... Uma ‘atmosfera’ dramática e plástica religa-nos “à imanência das coisas do mundo” (Gil, Inês: 2002) à matéria propulsora de forças a formar relevos, paisagens vivas a renascer das cinzas (carvão).

O toque mágico interrompe-se na obra em círculos perfeitos que ‘’salpicam’’ o quadro, contentores de segredos, orlas naturais, intocáveis buracos brancos... a alvura contrasta, faz parar. Abertura ao círculo, à roda do mistério que se plasma na figura. Um convite para entrar, tropeçar, mergulhar, contemplar, perder-se?

A obra de chão derrama-se no ardor do vermelho que apela a cinefilia, acorda (recorda) Lynch; bolas de papéis amarrotados encontram aqui refúgio. O redondo abre-se, enche-se de possibilidades, a usura esconde segredos e surge mais um convite para jogar? O conteúdo liberta-se, oferece-se: “Deixem as coisas falar um pouco” Jean-Luc Godard, in, “Histoire(s) de cinéma” (1988-1998)

Carlota Gonçalves, Lisboa, 2021